

**UMA ANÁLISE META-HISTORIOGRÁFICA  
DA DEDICATÓRIA DA *CARTINHA COM OS PRECEITOS E  
MANDAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA (1539),  
DE JOÃO DE BARROS***

*Viviane Lourenço Teixeira* (UFF)  
viviane.lourenco@id.uff.br

**RESUMO**

João de Barros, gramático e humanista, é autor de um dos principais projetos português, no que tange à educação, da primeira metade do século XVI. Sua *Cartinha* para aprender a ler e escrever, além da tradição religiosa e missionária, apresenta a tradição bilingüe das gramáticas que perduraram regularmente até o século XIX. Como primeira parte de uma “coleção” de outros livros – *Gramática da língua portuguesa, Diálogo em louvor da nossa língua, Diálogo da viçiosa vergonha* (BU-ESCU, 1984) – a obra possui a dupla função de evangelizar e educar os meninos tanto da metrópole quanto das colônias. Dedicada inicialmente a D. Felipe, primogênito de D. João III, faremos uma análise a partir da obra de Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Historiografia da língua portuguesa* (1984), de como o autor português constrói sua devoção a Portugal, à língua portuguesa e a Deus. Através do modelo teórico-metodológico da Historiografia da Linguística de Pierre Swiggers, pautamos nossa análise, sem deixar de abordar o conceito da linguística missionária.

**Palavras-chave:**

Historiografia Linguística. Linguística Missionária. João de Barros.

**RESUMEN**

João de Barros, gramático y humanista, es autor de uno de los principales proyectos português, en materia de educación, en la primera mitad del siglo XVI. Su “*Cartinha*” para aprender a leer y escribir, además de la tradición religiosa y misionera, presenta la tradición bilingüe de las gramáticas que perduraron regularmente hasta el siglo XIX. Como primera parte de una “colección” de otros libros – *Gramática da Língua Portuguesa, Diálogo em louvor da nossa língua, Diálogo da Viçiosa Vergonha* (BUESCU, 1984) – la obra posee la doble función de evangelizar y educar a los niños tanto en la metrópoli como en las colonias. Dedicada inicialmente a D. Felipe, hijo primogénito de D. João III, haremos una análisis en base a la obra de Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Historiografia da Língua Portuguesa* (1984), sobre cómo el autor português construyó su devoción por Portugal, a la lengua portuguesa y a Dios. A través del modelo teórico-metodológico de la Historiografía de la Lingüística de Pierre Swiggers, basamos nuestra análisis, sin dejar de abordar lo concepto de la lingüística misionera.

**Palabras clave:**

Historiografia Lingüística. Lingüística Misionera. João de Barros.

## **1. Introdução**

O presente estudo, sob a ótica da Historiografia da Linguística e do campo de pesquisa que se vale do modelo teórico-metodológico dessa disciplina, a Linguística Missionária, tem como objetivo analisar o pensamento linguístico de João de Barros, gramático e humanista quinhentista, em relação à tradição religiosa e missionária tanto em Portugal quanto na América portuguesa do século XVI. A proposta é analisar a dedicatória da *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539), de João de Barros.

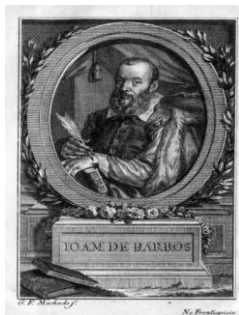
Investiga-se a relação entre o uso da língua portuguesa em contextos missionários e sua implementação na América portuguesa quinhentista, nas escolas de ler e escrever da época do missionário jesuíta Pe. Manuel da Nóbrega, SJ, a partir de uma análise crítica e intertextual de documentos históricos deste contexto, cotejados com as obras de João de Barros (BUESCU, 1984). Nossa interpretação crítica inclui documentos que nos auxiliam em reconstituir o ideário linguístico desse contexto.

O trabalho se desenha a partir da leitura do livro *Historiografia da língua portuguesa*, de Buescu (1984), no qual a autora explora a figura de João de Barros, como humanista e gramático de grande relevância no século XVI. Quanto aos pressupostos teóricos e metodológicos da Historiografia da Linguística, utilizaremos aqueles descritos por Pierre Swiggers, Konrad Koerner, Ronaldo Batista entre outros. No que tange à obra da primeira metade do século XVI, nossa análise contará com *A Cartilha: Grammatica da lingua portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539), de João Barros e *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539 ou Gramática da língua portuguesa*, de Gabriel Araújo (2008).

## **2. João de Barros: um humanista do século XVI**

Nascido em Viseu (c.1496–1570), Portugal, Barros era descendente de família fidalga. Educado na corte de D. Manuel I, rei à época do descobrimento do Brasil, foi personagem de significativa importância no reinado lusitano. Alcançou a confiança de D. João III e quando este assume o trono em 1521, a Barros é concedido o cargo de capitão na fortaleza de São Jorge da Mina, em África (Cf. BUESCU, 1984).

Imagem 1: João de Barros.



Fonte: Instituto Camões.

A biografia de João de Barros apresenta aspectos que nos permitem compreender culturalmente sua produção variada, durante as primeiras décadas do século XVI; por isso, é de significativa importância trazer à tona aspectos de sua vida. Durante mais de trinta anos, Barros foi feitor da Casa da Índia, cargo desejado por muitos, pois indicava confiança. Dono de uma capitânia no Brasil, o autor teve uma vida política ativa, o que não o impediu de vivenciar um fracasso marítimo que causou a morte de dois filhos seus e uma dívida que o fez morrer na miséria. Todavia, é sua vida como historiador e como intelectual que nos interessa, mesmo que ambas (política e historiógrafo) não sejam indissociáveis, visto que o gosto pelas letras está associado ao seu trabalho, principalmente o desenvolvido nas Índias, as atividades realizadas como filósofo, pensador, humanista e crítico da sociedade são o que dá destaque a esse personagem do século XVI.

A parte intelectual de João de Barros tem início com a publicação de *Crônica do Imperador Clarimundo* (1522), um típico romance de cavalaria português que tem como subtítulo “*donde os reys de Portugal descendem*”. Sua próxima obra publicada, em 1532, *Ropica Pnema* ou *Mercadoria Espiritual* é uma prosa filosófica na qual há uma combinação encomiástica cristã e satírica à sociedade portuguesa. Como historiador há a publicação da primeira *Década* (1552), texto que exalta a navegação portuguesa assim como a constituição do império na Ásia.

Nesse entremeio entre *Imperador Clarimundo* e *Década*, há as publicações de *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539) e *Gramática da língua portuguesa com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja* (1540). De cunho didático-pedagógico elas ensinam o caráter renascentista-humanista da época. Acres-

centa-se que também compõe esse projeto dois outros textos: *Diálogo em louvor da nossa linguagem* e *Diálogo da Viçiosa Vergonha*, ambas de cunho moralista.

Em síntese:

Na sua longa vida de homem de letras, chama-nos a atenção a diversidade de interesses manifestados por João de Barros: novelista e poeta na *Crônica do Imperador Clarimundo* (antes de 1520); filósofo erasmico na *Replica Pnefma* ou *Mercadoria Espiritual* (1531–1532); historiador nas *Décadas*; moralista no *Diálogo da Viçiosa Vergonha* e no *Diálogo sobre preceitos morais* (1540); pedagogo com a *Gramática* (1539–1540); [...]. Essa diversidade, porém, vem acentuar o traço que nos parece mais característico da sua personalidade de letrado: o Iluminismo. (BUESCU, 1984, p. 31)

Ao abordarmos sua biografia e sua produção, temos como objetivo analisar e descrever o clima intelectual da *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539), que a tornou um ponto de partida acessível aos gramáticos contemporâneos, além de ser um dos principais documentos para a análise e compreensão dos métodos de alfabetização quinhentistas.

### **3. *Historiografia da linguística e a Linguística Missionária: teoria e metodologia***

Com o propósito analisar a relação entre o uso da língua portuguesa em contextos missionários e o início da gramatização da língua na América portuguesa quinhentista, iniciamos por fazer uma análise qualitativa de dados. Relacionar uma ciência relativamente nova com estudos que datam do início do século XVI configura-se como um desafio, porém, há uma tradição crítica e interpretativa já em decurso, ao longo das últimas décadas no cenário europeu e brasileiro, sobre o tema. Nomes como os de Pierre Swiggers, Konrad Koerner, Cristina Altman, Ricardo Cavaliere, Neusa Bastos e Ronaldo Batista, são significativos e relevantes no que diz respeito a esse campo de estudos.

Como fundamentação teórico-metodológica utilizada nesse estudo, a Historiografia da Linguística pode ser definida como:

[...] o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares [...], de como o conhecimento linguístico, ou mais genericamente, o *know-how* linguístico foi obtido e implementado. (SWIGGERS, 2019, p. 48)

E tem como “objeto a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentes (...)” (ALTMAN, 2012, p. 22). Assim, compreende-se que o objeto de estudos também pode ser o saber linguístico, que foi construído historicamente tal como sua recepção.

Seguindo os estudos de Konrad Koerner (1996) e Pierre Swiggers (2009), nossa investigação passa pelos princípios da *contextualização*, da *imanência* e da *adequação* e pelos parâmetros da *cobertura*, da *perspectiva* e da *profundidade*. Contudo, foi feita uma análise meta-histórica da dedicatória da *Cartinha* que iremos aprofundar em momento oportuno.

Ao pensarmos no clima de opinião da época da obra de João de Barros, um fator não pode ser deixado à margem dos nossos estudos: a linguística missionária. Como campo da Historiografia da Linguística, ela nos é cara por nos ajudar a entender o projeto a que se destinava a *Cartilha* do autor português. Hovdhaugen (1996) apresenta a seguinte definição de gramática missionária, modelo que se adéqua à gramática de Barros e outras como, por exemplo, a de José de Anchieta:

Uma gramática missionária é a descrição de um idioma específico criado como parte do trabalho missionário por missionários não nativos. É uma gramática pedagógica e sincrônica que cobre a fonologia, a morfologia e a sintaxe com base em dados principalmente de um corpus oral (em alguns casos de textos religiosos - principalmente traduzidos). (HOVDHAUGEN 1996, p. 15 *apud* ZWARTJES, 2011)

Como supracitado, a Linguística Missionária é um campo de pesquisa que se vale do modelo teórico-metodológico da Historiografia da Linguística de Pierre Swiggers. Assim sendo, ela, de forma estrita, trabalha as gramáticas e léxicos escritos por missionários, sobretudo jesuítas, em período histórico anterior à secularização europeia, tendo a descrição de línguas extraeuropeias como principal tema, principalmente as que foram utilizadas na política missionária.

Leonardo Kaltner (2020, p. 7), afirma que “com finalidade missionária, o estudo de línguas à época das navegações portuguesas, servia para a catequese e a comunicação intercultural, que estabeleceria os domínios ultramarinos do império português”. Logo, a figura de Pe. Manuel da Nóbrega, SJ, entra em cena, pois temos a obra de João de Barros publicada em Portugal – valorizando a fé cristã e o vernáculo – e provavelmente sendo utilizada no Colégio do Menino Jesus, a primeira instituição oficial de ensino na América portuguesa quinhentista, organizada em 1549 por Nóbrega, que estabelece que ler e escrever seriam atividades

fundamentais na transmissão da tradição cristã, isto é, na catequese, sendo o vernáculo português instrumento para esse processo.

#### **4. *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja (1539), de João de Barros***

Imagem 2: Frontispício da *Gramática da língua portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja (1539)*.



Fonte: [https://gl.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Grammatica\\_joam\\_de\\_barros\\_2.jpg](https://gl.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Grammatica_joam_de_barros_2.jpg).

A *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539), juntamente com a *Gramática da língua portuguesa com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja* (1540), é um livro tipografado, exemplo do que seria a tecnologia dos impressos quinhentistas, que já ocupavam o cenário acadêmico em Portugal. A tradição letrada renascentista contava com ferramentas de difusão de saberes diversos, sendo o uso do livro impresso sua principal característica, dessa forma, a obra de João de Barros torna-se um instrumento para as reflexões linguísticas da época. Isto é: “A *Cartinha* de João de Barros é, possivelmente, o primeiro livro didático ilustrado da história. Assim, o emprego de ilustrações na *Cartinha* a torna precursora dos livros didáticos ilustrados que surgiriam mais de cem anos depois” (ARAÚJO, 2008, p. 8).

#### **5. *A dedicatória: uma análise meta-historiográfica***

A seguir apresentaremos a dedicatória da *Cartinha*. A versão fac-símile encontra-se na íntegra, por acreditarmos ser de interesse do leitor ter contato direto com a linguagem utilizada pelo humanista no século

XVI. A análise, em leitura modernizada, contudo, apresenta-se em trechos, por nós selecionados.

Imagem 3: Dedicatória da *Cartinha*, de João de Barros (1539).



Fonte: BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539, p. 4-6

É preciso salientar que a escolha por excertos se coaduna ao fato de que a historiografia se utiliza da Linguística para escrever e descrever a própria ciência linguística; isso, de acordo com Pierre Swiggers (2013), configura-se como uma contribuição meta-historiográfica. Assim dado, nosso exposto buscou aqueles que melhor nos ajudaria em nossa investigação nesse momento oportuno. Pois, ao fazermos análises sucintas de trechos da dedicatória, estamos contribuindo nesse aspecto para os estudos de linguagem e os estudos historiográficos.

A seguir apresentamos nossas observações:

A O MUITO ALTO  
E EXCELENTE PRÍNCIPE DOM FELIPE  
*nosso senhor, João de Barros, na  
introdução da gramática  
da língua portuguesa.*

(Lemos, excelentíssimo Príncipe, na vida de Esopo, fabulador moral, que, perguntado por uma hortelã a causa pela a qual a terra mais facilmente criava as ervas que não recebiam benefício da agricultura, do que aquelas cuja semente lhe era entregue com tantos benefícios e mimos para ela as criar, respondeu que a terra era mãe das ervas que por si dava e madrasta das que nós queríamos que desse, porque assim punha sua virtude e força na criação das próprias, como as mães na criação de seus filhos, e tanta remissão nas sementes alheias, como as madrastas na criação de seus enteados.)

Há nesse excerto uma analogia com a fábula de Esopo. Ao se construir esse tipo de artifício, Barros nos leva a refletir sobre a importância de não abandonar os elementos clássicos, ainda bastantes fortes à época, em detrimento do uso da língua vernacular usada na Metrópole. Os elementos da agricultura “semente”, “terra”, “ervas” demonstram que sua possível intenção e fazer germinar a língua portuguesa a todos os povos. Esse elemento e retomado ao final quando o autor intitula os povos sob o domínio Português como “enteados”. Destaca-se, também, a relação entre as línguas latina e vernacular que são substituídas por “mãe” e “madrasta”.

O próximo fragmento, já de maneira explícita, Barros afirma para quem é dedicada sua Cartilha: aos meninos em tenra idade. No início de seu texto tem-se “Ao muito alto e excelente príncipe dom Felipe”. Observa-se no fac-símile que o nome de Felipe está riscado, isso se deu porque D. Filipe faleceu aos seis anos de idade, antes da publicação da Cartilha. Foi permitido, então, a Barros colocar o nome do sucessor, João.

(Qual será, logo, a língua que nesta tenra e delicada idade de Vossa Alteza mais natural e obediente vos deve ser, senão a vossa portuguesa, de



que Deus vos fez príncipe e rei em esperança? Aquela que na Europa é estimada, na África e na Ásia por amor, armas e leis tão amada e temida, que por justo título lhe pertence a monarquia do mar e os tributos dos infieis da terra.)

Ainda em nossa análise, destacam-se os continentes nos quais Portugal já dominava economicamente e que seria, ao ver de Barros, importante dominar linguisticamente e religiosamente, ratificando o projeto linguístico e missionário.

(E antes que se trate da gramática, porei os primeiros elementos das letras, em modo de arte memorativa, por mais facilmente aprenderem a ler; e depois os preceitos da lei e os mandamentos da Igreja, com um tratado de ouvir a missa. E, no fim da gramática, vão dois diálogos, um em louvor da língua portuguesa e outro da sobeja vergonha, matéria conveniente à idade em cujo proveito esta vossa obra se compôs.)

O último trecho por nós selecionado é significativo, pois apresenta uma possível justificativa do projeto pedagógico do historiador humanista. Seu aviso é claro ao dizer que antes de se aprender a língua vernacular era preciso aprender as letras e “os preceitos da lei e os mandamentos da Igreja”. Com o entendimento religioso, não haveria “dificuldades” na aprendizagem do ler e do escrever. Por fim, os diálogos que indicam que é preciso louvar a Deus e a língua portuguesa.

## 6. *Palavras finais*

Destacamos que Barros apresenta uma obra diversificada – que demonstra como esse importante humanista dirigiu sua carreira como novelista e poeta, filósofo, historiador, moralista e pedagogo, esta última foi mais detidamente por nós explanado aqui.

A historiógrafa Maria Buescu (1984) declara:

Com efeito, quatro obras têm de ser consideradas no traçado do perfil do humanista e gramático, historiador das *Décadas*, pensador erasmista na *Ropica Pnema* e no *Diálogo evangélico contra Talmud*. Publicadas no espaço de cerca de um mês, entre Dezembro de 1539 e janeiro de 1540, a *Cartinha*, a *Gramática*, o *Diálogo em louvor da nossa linguagem* e o *Diálogo da Viçiosa Vergonha* constituem, efectivamente, um *corpus* pedagógico-didático. (BUESCU, 1984, p. 173)

Diante do breve exposto, ao analisarmos a intenção *a priori* da elaboração da Cartilha em suas palavras iniciais, afiguramos que, a partir das próprias palavras de João de Barros, ela foi elaborada para ser utilizada pelos “meninos em tenra idade”. E para auxiliar não só os portugueses, mas todos aqueles que teriam a língua portuguesa como sua “língua

filha”, Barros constrói sua Cartilha de maneira clara e concisa, a fim de difundir a doutrina católica e expandir a língua portuguesa. As definições que o autor apresenta aos leitores e estudiosos auxiliam-nos na construção da síntese de conceitos gramaticais de seu pensamento linguístico.

Obviamente, nosso trabalho não esgota aspectos que envolvem o historiador, filósofo e pedagogo João de Barros; buscou-se, contudo, aguçá-la a curiosidade do leitor a cerca da figura do humanista que abriu caminho para uma normatização do vernáculo português através de um projeto linguístico, missionário e pedagógico no século XVI.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gabriel Antunes de. Apresentação. In: BARROS, João de. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539 ou Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Humanitas/Pulistana, 2008.

BARROS, João de. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539 ou Gramática da língua portuguesa*. /Gabriel Antunes de Araujo. (Org.). São Paulo: Humanitas/Pulistana, 2008.

\_\_\_\_\_. *Grammatica da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1540.

\_\_\_\_\_. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BUESCU, Maria Leonor C. *Historiografia da língua portuguesa: século XVI*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984.

KALTNER, Leonardo F. Regna Brasilica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 1, p. 1-25, 17 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1379>. Acesso em: 17 fev. 2021

SWIGGERS, Pierre. *Historiografia da: princípios, perspectivas, problemas*. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (org.). *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80

\_\_\_\_\_. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Revista Confluência*. n. 44-45, p. 40-59, 2013.

\_\_\_\_\_. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografía lingüística*, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2009. Disponível em: <http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/6/18>. Acesso em: 20 out. de 2017.

### Créditos das imagens:

Imagem 1: Instituto Camões. Disponível em: <https://www.instituto-camoes.pt/activity/centro-virtual/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/joao-de-barros>. Acesso em: 5 nov de 2020.

Imagem 2: BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539.

Imagem 3: BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Tipografia de Luiz Rodrigo, 1539.